



Flavia Genovez Scoz
Maria Aparecida Barbosa
(organizadoras)

TORROS



TORSOS

Flávia Genovez Scoz
Maria Aparecida Barbosa
(organizadoras)

TORSOS

LiLiA – Núcleo de Estudos em Literatura Alemã
Pós-Graduação em Estudos da Tradução/UFSC
Programa de Pós-Graduação em Literatura/UFSC

Florianópolis, 2022

Torsos

-
- 17** Bruna Luisa Macelai
João Bolão
- 69** Patricia Raquel Lobato Durans Cardoso
Quando me tornei negra...
- 83** Viviane da Rosa
Banquinho
- 23** Carolina da Nova Cruz
Pensador reclinado
- 43** Elisa Silva Ramos
Elegia ao souvenir
- 29** Claudemir Pedroso Flôres
O rio e o riso
- 47** Flávia Genovez Scoz
*enraizamento
nômade*
- 79** Pedro Cunha
*nós três costumávamos
pedir a nossa mãe que
trouxesse algo na
volta*
- 99** Maria Esther Maciel
*Aula de desenho/
Zeichenunterricht
(Trad. Cândice Guzmán
e David Lanker)*
- The diagram consists of ten nodes, each representing an author and their work. The nodes are connected by a network of thin, light blue lines. The nodes are arranged in a roughly circular pattern, with some lines crossing each other. The numbers of the nodes are in a large, bold, dark blue font, while the names and titles are in a smaller, regular dark blue font. The background is plain white.

89 William Weber Wanderlinde
A busca pelo cheiro que se foi

Julia Panadés
ancestralidades

63 Marika Avezzú
de Souza Rodrigues
*Faltam somente três meses
e farei trinta anos*

35 Dennis Radünz
Infância em B.

95 Gabriela Sobral
*Afeita/
Zugeneigt*
(Trad. Vanessa Rabel
e Melanie Strasser)

51 Igor Molina Carvalho
Santuário

55 João Marcos da Silva
Brado e murmúrios

61 Maria Aparecida Barbosa
1780

103 Nina Rizzi
*Gostava quando
ficava escuro e podia dormir/
es gefiel, wenn es dunkler wurde
und schlaf möglich war*
(Trad. Mariana Holms
e Michael Boch)



“imagens [...] arrancadas de todos os seus contextos anteriores,
feito preciosidades expostas nos sóbrios
apostos de nosso acesso presente
- como torsos na galeria do colecionador.”

Walter Benjamin, *Berliner Chronik*.

O mote propulsor das criações que compõem este livro resulta da dedicação ao curso “12 questões literárias à obra de Walter Benjamin” na Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Parte sobretudo de um princípio formulado na última versão de *Infância berlinense: 1900*: ao apelar às imagens que no exílio distante costumam evocar fortemente o sentimento de saudade, o autor tenta conter lembranças meramente casuais e biográficas, a fim de perseguir algo “necessário e social”. Essas “Palavras prévias” (*Vorwort*) desconcertam a recepção desses textos que, não fosse a breve advertência, continuariam talvez, sendo lidos exclusivamente como biográficos, mas agora, passam a revelar novos sentidos. Esse desejo imperativo de romper o casulo é o que igualmente move os autores deste livro, suscetíveis aos sismos que as leituras provocam.

As vivências manifestam-se aqui entre o *biográfico-subjetivo*. Marcadas pela abertura as interações, trazem gravadas a marca singular da autoria “como a mão do oleiro na argila do vaso”. Ou ainda, como na escavação, onde a vivência soterrada ressurgiu, lembrada, ao acesso imediato. A vivência, dessa maneira apreciada, refletida, é a experiência.

Essas crônicas e esses poemas se inclinam ao ritmo do ato de tecer, entretecer, sob a égide dos tipos arcaicos de contadores de histórias indicados no ensaio “O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, representados nas figuras do camponês sedentário, do marinheiro viajante e dos artífices que burilam saberes e imaginários.

Duas séries de imagens entabulam diálogos entre si e com as demais parcelas, fundamentando o propósito criativo de *Torsos*. As leituras descontínuas favorecem contaminações vicinais. As montagens estilizadas pela técnica da cianotipia, “enraizamento nômade” realizadas por Flávia Genovez Scoz, compõem-se de movimentos de dança e de raízes, com recortes de escrita e imagem. Ao passo que os tons diversos das aquarelas feitas pela artista convidada Julia Panadés auxiliam a extensão do figurativismo que emprega recursos tentaculares na exposição de tensões nas relações humanas e ambientais. Se a vibrante coreografia cianótípicas remete a encontros físicos, fugazes, plenos da conexão com a virtualidade midiática, as aquarelas, talvez em vista das densidades escalonadas, se abstraem da aderência essencial ao presente, espessando às temporalidades duradouras e aos vínculos intensos com a ancestralidade.

11

Por fim, as poetisas convidadas a participar conosco desse ritmo vital - que é arte visual, música e poesia -, Maria Esther Maciel, Nina Rizzi e Gabriela Sobral, provêm de regiões distintas do Brasil: de Minas Gerais, do Ceará e da Ilha de Marajó. Os poemas eleitos contêm a reflexão sobre si e se estendem indagadores à pós-vida em outras línguas. As

traduções dos poemas do português ao alemão foram realizadas por estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, da Universidade Federal Fluminense e da Universidade de São Paulo, em parcerias respectivas com colegas da *Westfälische Wilhelms-Universität Münster* e da *Universität Wien*. A mostra (bilíngue) faz parte de um movimento no sentido de “*ein brasilianisches Gedicht ins Deutsche bringen*” - “levar um poema brasileiro ao alemão”.

Boa leitura!





EM MIM, DE MIM
em prosa e em poemas







João Bolão

Quando criança, quase todas as tardes, meus primos e eu íamos para a casa do meu avô. A casa tinha paredes de cor salmão, jardim bem cuidado na frente e, atrás, além de uma casinha nos fundos do terreno, árvores que meu avô havia plantado ao longo dos anos. Nos fundos, perto do barracão, uma aceroleira que se enchia das frutinhas azedas no verão, um pinheiro que fazia divisa com o terreno vizinho, as pinhas todas caídas pelo chão. Perto do canil, uma mangueira de que nunca vi fruto nenhum. Duas laranjeiras mais para frente e, entre elas, uma jabuticabeira que se enchia todos os anos. Meu avô cobria seus frutos para protegê-los das bicadas dos passarinhos e fazia compotas e mais compotas de geleia especialmente para meu irmão, a jabuticabeira era só dele. Naquele jardim era assim: cada um tinha sua árvore. E todas elas envelheciam e secavam

para depois renascerem e frutificarem diante dos nossos olhos de criança.

A menina dos meus olhos, a minha árvore, ficava bem no meio do quintal. Grande e alta, era a maior árvore por ali, só perdendo para a pinheira que ficava no fundo do terreno. Quando seus frutos caíam no chão, tingiam a grama de roxo e um cheiro azedo subia no ar abafado de verão.

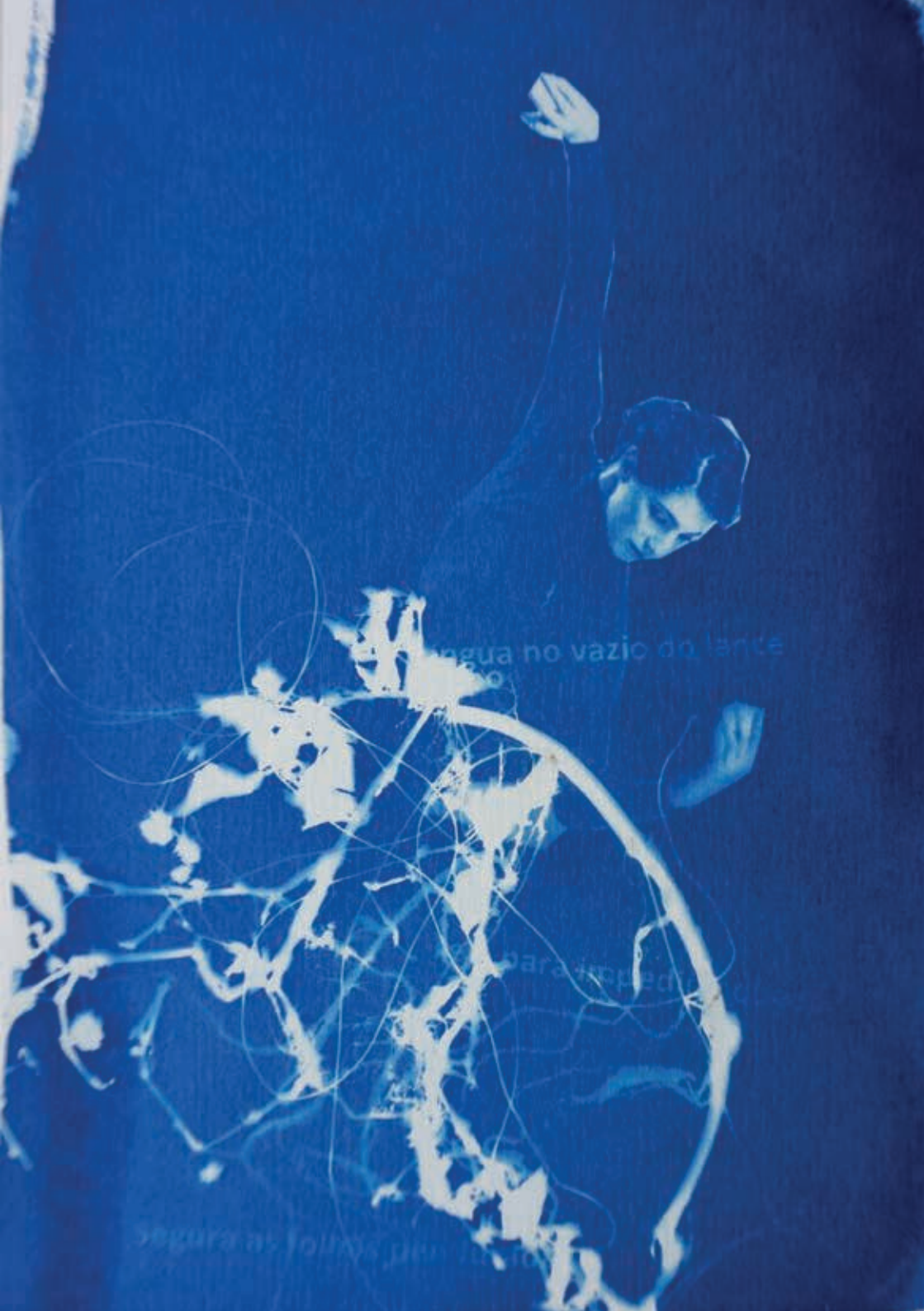
Um dia, dentro de casa, olhando pela janela, vi meu primo e meu irmão brincando com a cadelinha do meu vô embaixo da árvore. Fiquei ali, observando através da persiana e do quadro da janela aquele retrato, hoje já tão, tão antigo. A grama verdinha e o sol tão alto e quente. Os dois meninos suados e provocando a cachorrinha, enquanto ela mostrava os caninos afiados embaixo do João Bolão. Meu avô estava do meu lado contemplando a cena, ainda hoje tão viva para mim. Um sussurro em meu ouvido e uma risadinha e eu já estava fora de casa, entrando nesse quadro que se pinta na memória.

Quando alcancei a sombra do João Bolão, olhei para cima, tão mais alto que eu, tão maior que eu. Eu, tão pequena. Se erguesse os braços, não alcançaria seus galhos mais baixos. No instante que abri a boca para falar com meu primo, que ainda provocava a cachorra feroz, sua mão foi abocanhada pelos dentinhos de Nina, que soltou logo em seguida, arrependida.

A história contada nos próximos dias por meu avô para toda a família: eu, consternada, ciumenta do que era meu, tinha proibido o uso da sombra da minha árvore levando meu primo a seu derradeiro momento como presa indefesa da cachorrinha.

Engraçado como, lembrando hoje, a frase “Bruna, ele está na sombra da tua árvore, Bruna... eu se fosse tu... não deixava...” saindo da boca do meu avô ainda ecoa em meus ouvidos confusos enquanto olho aquela fotografia antiga dos dois meninos. Talvez, um atestado do caráter da menina que já sou. Alguns anos depois, meu avô deixou no terreno só o toco do João Bolão, porque seus frutos eram muitos e caíam por todo o gramado. Para mim, o João Bolão e os dois meninos sempre estarão lá, por detrás daquela janela, naquele momento e naquele sussurro baixinho que só foi ouvido por mim.





segura no vazio do lance

para impedir

segura as folhas de um livro



Pensador reclinado

Pensei durante o cochilo no apartamento de Itajaí.

Como num filme onde a imagem se fixa e o tempo passa acelerado, as coisas sendo mudadas de lugar, o chão varrido, as paredes pintadas, os habitantes trocados como os quadros nas paredes.

Imaginei como está o apartamento de Itajaí agora. Com a família que comprou confinada dentro? Televisão, móveis, papel de parede?

E imaginei chegar lá agora, adulta, e encontrar tudo como era na época da minha infância.

Cada detalhe: o aparador de entrada com as estatuetas alongadas, a cadeira cheia de documentos, a mesa da sala, o quadro do Van Eyck na parede.

A lavanderia, o cheiro de roupa seca, o balcão da cozinha.

O quarto dos meus pais, os tapetes dos banheiros com estampa de golfinhos.

O vaso azul marinho do banheiro, os azulejos desdentados da banheira.

O barulho do ar condicionado.

A escrivaninha do computador, um computador tridimensional como eram os computadores antigamente.

E um objeto estranho.

Um pensador deitado, com o braço musculoso para trás, o cotovelo para o céu, como quem coloca a mão atrás da nuca para se lamentar.

Um corpo escultural, masculino, iluminado de cima.

A contratura muscular nunca fez sentido: a menos que ele estivesse posando sobre as pedras, deitado só porque lhe foi pedido, mantendo a rigidez de quem trabalha.

Ou então as pedras seriam desconfortáveis, agudas, espinhosas? A dor na superfície da pele - a pele das costas que encosta nas pedras -, esta dor faria com que os músculos se contraíssem, dando ao pensador este aspecto musculoso, de quem está prestes a agir ou de quem acabou de agir. Os músculos de quem há muito não sabe o que é descanso.

Se eu chegasse mais perto... É difícil chegar mais perto, a imagem torna-se turva na memória conforme aperto os olhos já fechados para enxergar através, ou ainda além, da miopia do tempo. Se eu chegasse mais perto talvez pudesse ver os pelos: os pelos que, caso minha hipótese estivesse correta, só poderiam estar arrepiados. Quem contrai os músculos por sentir dor na pele das costas só pode estar com os pelos arrepiados, de

desconforto. Talvez a mão estivesse gelada, encostada na nuca não para lamentar qualquer coisa, mas para terminar o movimento iniciado ao limpar o suor do rosto, passando pelo queixo, boca, nariz, testa, cabelos e chegando enfim na nuca, onde se fixa de repente e, ao mesmo tempo, para sempre.

De qualquer maneira, essa é apenas uma suposição, pois é bem sabido por qualquer um que já tenha ido àquela salinha (a salinha do computador ou escritório como costumávamos chamar, aquele quarto quadrado que era antes meu quarto). Em todo caso, era notável para qualquer um que tenha passado os olhos por lá que a pedra a que me refiro só se podia adivinhar pelos cantos, porque a superfície que entrava em contato com o corpo do pensador, a única superfície que agora me interessa, estava perenemente coberta pelo encosto do sofá vermelho.

Ou seria laranja? Abóbora, talvez. Sem dúvida nenhuma, uma cor passível de ser encarnada pelo fogo.

Se eu pudesse não voltar no tempo, longe de mim voltar àquele tempo, mas apenas materializar este apartamento em sua forma passada por alguns instantes, eu moveria aquele sofá um pouco para frente. Precisaria talvez da ajuda de alguém. O sofá agora me parece mais pesado do que nunca, como se estivesse durante toda minha infância pregado ao chão, mas apenas agora, na minha tentativa estrangeira de movê-lo, eu percebesse esta realidade que estava ali desde sempre aos meus pés, silenciosa.

Ofegante, vencendo a resistência do sofá, que talvez soltasse pó e poeira ao mesmo tempo em que rangesse para frente, reclamando o movimento, eu poderia ver o escuro do

quadro. Ver, finalmente, através do escuro do quarto, o local. A dobra, a fresta ou a superfície em que o pensador encontra a pedra.

Só então eu descobriria a verdade sobre a contração muscular do pensador da minha infância. A verdade que só descobri em sonho, a explicação última do porquê o corpo teso daquele homem combatia seu estado reclinado, ainda que estivesse reclinado na lava ou em mil pregos.

A verdade é que o pensador estava em pé. Utilizava músculos coerentes com a postura de quem prolonga o corpo ao céu tendo como base apenas os dois pés. O pensador estava em pé, o cotovelo para trás da cabeça, o corpo apenas encostado na superfície rochosa, uma superfície rochosa vertical, afinal de contas.

Quem estava deitado era o quadro, esquecido atrás do sofá por uma família ainda avessa a pendências.





O rio e o riso

Mesmo tendo as palavras disponíveis, é difícil narrar a importância do rio na minha infância. Sua seca era mesmo grande. Moradores de seu litoral, chegávamos a imaginar uma travessia por terra até a Argentina, quando finalmente secasse por completo. Sua cheia, então, era assustadora. A água amanhecia já transbordada sobre a Vila, deixando-a sitiada, quando submersa a estrada que nos ligava a Uruguaiana. Após tais transbordamentos, suas margens, antes de areia amarelada, tornavam-se marrons e escuras.

30

Barro Preto era o nome de uma comunidade pobre, vivendo às margens do rio. O rio fornecia às crianças o barro para modelar. Nós próprios, as crianças da Vila, éramos modelados pela enchente. Enterrávamo-nos de corpo inteiro, rolávamos e renascíamos bonecos de argila. A enchente

assustava os moradores, mas era apenas mais uma brincadeira para a criançada, inadvertida de adultas preocupações.

O medo vinha-me de outra fonte: minha mãe. Como vivia livre para brincar na Vila, ela sempre avisava para não chegar perto do rio. “Pode ir brincar, mas não vai no rio”, dizia-me sempre. Quando aventurava-me ao rio era para pescar, nunca nadar. Os pais em geral não falavam em morte para pessoas tão pequenas quanto nós. Não precisava. As histórias nos chegavam por outros. Histórias dos mortos. “Não vá fundo no rio, porque os afogados puxarão teus pés e você se tornará um deles”. Os afogados eram os espectros mais temidos nessa infância ribeirinha. Suicidas, fantasmas, contrabandistas, farrapos combatentes... não tinham tanto poder em nossas fantasias quanto a figura do Afogado. Os mortos só não descansavam quando afogados no rio, pois continuavam vivos evocados nas histórias. Quando soprava o vento Minuano e as árvores e o capim assoviavam canções sinistras, logo algum adulto acrescentava, “estão ouvindo, os afogados estão chamando”. Só de lembrar esfrio minha espinha; já começo a afogar!

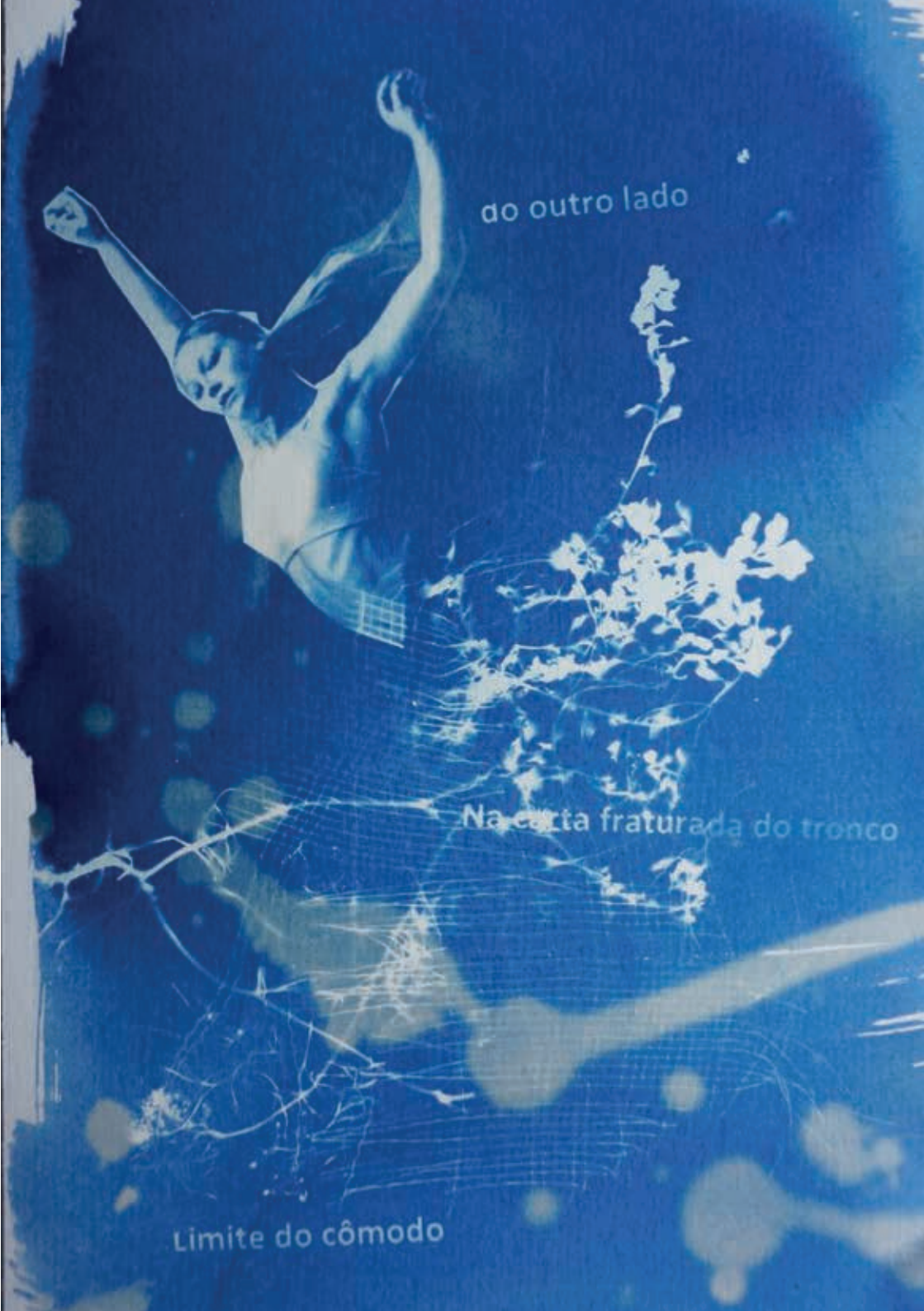
Como ia dizendo, durante o dia os Afogados viviam dentro d’água. À noite, entretanto, poderiam sair para as ruas, arrastando seus trapos, vindo reivindicar o definitivo esquecimento. O rio nos mantinha salvos, desde que nos encontrássemos em águas rasas, familiarizados ao lar. Na cheia e na seca, a vazante era dupla: prazer e angústia.

A Vila era guarnecida por um posto da Polícia Militar, no qual meu pai era soldado. Não havia violência, apenas pequenos furtos, geralmente de gado ou ovelhas. Roubo de galinha ou

era tão comum ou tão insignificante que não chegava a ser denunciado. Era raro, mas acontecia de uma pessoa vir a ser presa no posto, dormir uma ou duas noites e ser solta. Eu e meus irmãos éramos conhecidos como “os filhos do Flôres”, pois este era o nome militar do nosso pai. Talvez pelo soldo ser pouco, talvez pelo gosto, vá saber, diziam, nossa mãe contava que as compras maiores do mês (carne, arroz, batata) eram trazidas da Argentina pelo rio. Alguns homens, entre eles nosso pai, atravessavam o Uruguai de chalana (canoa) para ir buscar o chibo (contrabando). Boatos, pedaços de acontecimentos ou lembranças forjadas? Nunca saberemos. Mas uma coisa era certa, como o meu pai, o rio era sempre dúbio: lei e desordem.

Era fácil localizar-se na Vila, espremida entre a monocultura do arroz, em alguns latifúndios, e o largo cabedal de água doce chamado rio Uruguai. Estávamos sitiados entre a propriedade privada e a natureza ainda não expropriada. Essa pequena faixa, a Vila, orgulhava os membros da minha família, por se tratar de um modesto balneário de água doce. As pessoas da cidade (era assim que nos referíamos aos estrangeiros) vinham no verão desfrutar dos banhos refrescantes. Era quando eu podia nadar. Mas nunca aprendi. O medo me afogava. Para mim, o medo sempre foi o respeito mais profundo pelo amor da minha mãe. Manter-me vivo era dar provas desse amor. Não era apenas ela a me intimidar com suas advertências, já contei. Havia as histórias dos afogados e havia o Buraco. Naquela época da minha vida, o medo transfigurava-se em mãe, afogados e buraco.

No verão, o rio virava mar. Passavam uma corda, limitando a área de banho das crianças. E tinha até salva-vidas. Mas tinha o Buraco. Diziam, alguém dizia, que havia um enorme poço sem fundo bem na frente da praia. Quero dizer, entre a praia e as pedras. O Buraco ficava ali mesmo, bem ao nosso lado, entre a cordinha dentro d'água, indicando o limite para o banho e o local de pesca chamado "as pedras". Todos tinham medo do Buraco e isso me tornava normal. Adultos, homens, pescadores, banhistas, locais, estrangeiros, todos, com exceção da minha irmã. Ela me inspirou o princípio feminista de que algumas coisas apenas uma mulher consegue realizar, pois somente ela não tinha medo do Buraco. Ela o atravessava a nado, da margem até os barcos de pesca. Pendurava-se na borda de um deles, gargalhava do temor dos homens e voltava sã e salva, para espanto de todos e divertimento dela. Minha primeira heroína. Então, o Buraco era-me duplamente benéfico: tornava-me normal (tenho medo como todos) e fazia me sentir protegido por essa pequena mulher que zelava por mim. Naquela época, o mistério para os moradores e visitantes de veraneio era o Buraco e talvez a existência dos Afogados. Para mim, porém, o principal mistério era de onde vinha a coragem de minha irmã.



do outro lado

Na curta fraturada do tronco

Limite do cômodo



Infância em B.

Depois de ler Nora Krug

Eu não tinha idade, nos anos de chumbo, para guardar a minha infância entre os pertences que seriam salvos. E o que ficou do último dia de antigamente foi uma sombra dos pinus *elliottii* na casa-casebre da rua Mariana Bronnemann, bairro da Velha; o disco dos Beatles com “The inner light” no lado B; a corrida com minha irmã em volta da casa e debaixo da chuva. E porque minha mãe dormisse todas as tardes, eu, deitado, contava nuvens. Era na Mariana, mas havia os outros nomes de vazio, Rua São Paulo, República Argentina, Reitor Strotman, ruas de moradas de aluguel e de favor. Ao fim, não escondi, aos 7 anos, o caderno de caligrafia do I Ano em um qualquer forno de pedra e lenha, e essas casas acabaram demolidas, e não há nenhum caderno – nem em cinzas – que documente minha voz repetitiva e escolar de menino mudo: ficou nada.

Eu deveria recontar minha nascença na Maternidade Elsbeth Koehler, mas ela se tornou Ancionato e não consigo conceber que essa mesma Elsbeth, um fim-princípio, é o útero derradeiro do qual parti, umbilicalmente, no exato instante em que eu nascia e no andar térreo o rádio tocava “My sweet

lord”. Ou deveria anotar que nasci na casa do avô Francisco Marcelino, marceneiro-carpinteiro da Estrada de Ferro Santa Catarina – aonde cheguei depois de vir à luz na maternidade-asilo –, lá, no bairro da Ponta Aguda, à beira do leito da estrada de ferro (com o “fórceps” da indústria do petróleo o cordão dos trilhos foi cortado na carne, ou no umbigo da cidade, em 71, e um último trem saiu semanas antes de eu ter sido parido: procurava adivinhar a vida do meu avô naquelas estações de trem-fantasma deixadas para trás pelos vagões sem sentido...). Esses lugares de nascença são agora nada, são como as casas, endereços só da memória involuntária, porque perdi os seus números, perdi a irmã, e a minha chuva ancestral não tem abrigo.

Recordo apenas que, talvez à sombra dos pinus, o pai ouvia “Lady Madonna” no toca-discos portátil e, depois, tocava o lado B, mas eu não tinha idade para o Inglês e ouvia a cítara e o *arrive without travelling* como um som, somente – “chegar sem viajar”? Chegar sem viajar é esse modo de tocar, debaixo da pele, meus nacos de criança morta?

Entre os meus brinquedos velhos e esquecidos estavam blocos de madeira de construir cidades: eram paredes com uma, duas janelas, portas em arco, torres de relógio. Viajava pelas ruas da minha cidade neonata e em miniatura, tinha carrinhos de ferro e havia um caos urbano que a minha mãe vigiava à distância, feito uma guarda-diurna distraída. Depois aprendi a levantar cidades 3D de cartolina. Depois desenhei uma em 72 páginas. Recordo o brinquedo da cidade e volto à minha HEIMAT que não dura e não ‘pervive’.

Alles in Ordnung? (tudo está em ordem?), parecem me perguntar os conterrâneos. Como vou saber se não tenho para onde voltar, achar a bolsa de água quente alemã que era de uso da avó? Como estar em ordem se os trilhos do avô são ferro de trem finado? Eu deveria construir minha memória com blocos de casas ‘enxaimel’ ou remontar o que resta do rio, suas margens de capivaras, a memória vaga do Vapor Blumenau? Uma vez fiz versos ruins sobre o “sino da hora sétima na São Paulo Apóstolo” e soavam roucos:



Mas o sino das sete horas
se esbate nos três gongos,
mal tocando entre as pedras,
cova a cova, os três olhos:

o olho primeiro é do Pai,
do Filho, o segundo olho,
Paulo apóstolo, dormindo,
no olho do terceiro sono.

Nunca os publiquei, que fiquem perdidos, mas a torre de pedra com três olhos – um pictograma, como via a Igreja Matriz na primeira infância – me diz ainda menos sobre a cidade prematura. Às vezes me pergunto se nasci o suficiente.

Eu não tinha ainda idade, nos anos de granizo, para chegar ao fim, mas houve uma ocorrência na Praça Fritz Müller, Rua São Paulo, às 2h18 de 3 de maio do ano dois mil, e acordei na ambulância dos Bombeiros e fui levado ao Santo Antônio, 2h35, tendo caído por causa dos olhos de farol de carro que avistei, talvez longe, talvez tão perto, correndo de bicicleta: cinco ou seis pontos na cabeça, 29 anos, retorno duro de Saturno, e, por muito pouco, o boletim da viatura 708 não relatou o fim da minha vida adulta. Eu ouvia dizer que os *pinus elliottii* matam as plantas no entorno e ressecam todo o solo, mas eu não morri e eles, *pinus*, acabaram em lenha, como a casa velha acabou no chão.

Alles in Ordnung, ja.

E, agora, depois da sobrevida, eu chego sem viajar à minha *Heimat*, à procura da moradia que me servisse de jardim da infância, mas ela, *Heimat*, nunca me habitou, só me arrancou da terra, e ficou sem casas, guardada como folha seca entre as páginas de um velho livro impresso em linotipo. Não voltarei a ela, pois, me disse um outro livro, “não é da conservação do passado, mas de resgatar a esperança passada que se trata”¹.

1 ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.15

O que resgato é a esperança de ter visto a água ainda viva da Fonte Luminosa, seus jorros de oito metros e as suas cores que mudavam, e eu não recorro a música que ela tocava, mas imagino o lado B, “The inner light”, a luz interior. O chafariz agora está sem luz e água, lá, na rua Amazonas, e não tenho onde correr com minha irmã, porque ela caiu cedo, no fundo da morte, mas se eu remontasse o bloco de chumbo da primeira infância, faria, na calçada, uma fonte unicamente de sol e sombras. Mas a quem eu iria contar essa minha ‘lenda urbana’ de casas e fontes e trens e nadas?

Deveria ligar para o último número da minha avó Agnes, na casa de aluguel, ao mesmo telefone em que, duas horas, madrugada, disseram que meu pai “foi a óbito”, mas ela também foi à morte há uns vinte anos e ninguém o atenderia. A minha vontade é dizer a ela que nasci, definitivamente, mas agora cheguei à idade de esquecer os sete números do seu telefone. Nada a mais. Não “salvei” o número. Eu fico sem ter ninguém a quem dizer que só aquelas nuvens de antigamente são a minha terra – minha água.







Elegia ao souvenir

Primeiro sinto o vulto atravessar
e logo ouço o som do frio trovão.
Assim, caneca, foste então ao ar:
no piso do meu quarto encontrarão.

Eu junto duas partes vistas lá,
se tal e qual colar pudesse enfim.
Mas para os mil fragmentos já não há
regresso, longe ao meu olhar sem fim.

Ainda e vinda lembro muito bem,
momentos longos de cruel tensão.
Mas mais de mil lembranças já, porém,
sumiram, e jamais retornarão.

A compra do memento como tal
retorna agora viva, juvenil,
e se esvai da mente, afinal,
quem sabe a dor da perda a engoliu.

Será que a lembrança se perdeu
agora que o souvenir partiu?
Em ti, caneca, pensarei, o teu
cadáver já no lixo, arredio?

Mas quando antes eu pensei em ti,
viagem, a memória alimentei?
E da caneca, quando que bebi
a bel-prazer, de Cronos-rei?

E quando te comprei, por que razão?
Escolhas muitas eram no bazar.
“Imagens doces me inspirarão
se esta bela taça eu levar!”

A ida e vinda voltam triunfais,
excitação e puro bem-estar!
E os segundos, mil e muitos mais,
retornam já ao centro do olhar.

Os dois pedaços grandes a brilhar
embalo com carinho e atenção.
Os vários cacos, foscos de esperar,
brilhantes sob a luz agora estão.

Primeiro vem o dia a caminhar,
depois tornar-se-á recordação.
Eu junto os teus pedaços com pesar,
mas junto mais lembranças já virão.



Enraizamento nômade

Fazer emergir uma forma
Erguer-se como aquilo que respira
Caixa torácica do mundo
Costelas flutuantes descoladas do corpo

Sustentar uma forma que flutua
Mesmo que vazia
Sustentar um vazio
Para misturar o mundo

A pedra no parapeito da janela
Segura as folhas penduradas
Tela para impedir a queda
Teia é armadilha do voo

Aranha escondida no canto,
Limite do cômodo
O desconforto me desespera
e do outro lado
Tece a tela de proteção








Santuário

avultado do xale
junto à sacada
dentre balaústres
canteiro em vertigem
xícara de café
bricabraques
o meu pôster do 2001
na parede da sala
de não-receber-visitas
satélites da estante
crânio do amanhecer
homo sapiens
depois da vista
esmigalhá-lo

em fantasma
torrentes de emoji
gêiser no porão
enquanto ardo
junto à sacada
aguardo
o exorcismo
os seus lábios
estendidos no varal
uma cataplana
com plantas
não convencionais
recitando
o que foi guardado
no bolso
da memória
prometo guardar
segredo
será santuário
desconhecer
o que for guardado



Aranha escondida no canto,

Come a semente do tempo

A pedra no parapeito da janela

Sustentar um vazio



Brado e murmúrios

Quando o pão minguava, a mãe começava a preparação da nova massa para mais pães. Eu não notava o início do seu ritual, percebia-o quando a tarefa já estava em andamento. O que despertava a minha atenção eram as dez batidas surdas que reverberavam pelas paredes de madeira, pelo soalho, alcançando as casas vizinhas, intercalando os sons comuns vindos da rua. Eu desviava o olhar da televisão, dirigindo-o a não sei que espécie de magia que acontecia na casa, enquanto crescia o ímpeto de investigar o que todos sabiam que estava acontecendo. Os passos seguiam o caminho curto da sala até a cozinha, e os olhos capturavam vestígios da atividade através do movimento do corpo, aparecendo e desaparecendo na moldura da porta que recortava a cena. Transposto o limiar

para a cozinha, a neblina de farinha que se espalhava não era suficiente para esconder a dança maternal, firme e gentilmente lançando a massa do pão contra a bancada. Era preciso fazer dessa forma, explicava, para que o pão crescesse e ficasse macio. Eu observava os braços que se erguiam e baixavam até dez. Ao fim, pedia uma bolinha de massa crua para comer, que a mãe bolava entre suas mãos, o tamanho exato de sempre, suficiente para preencher meu âmagô faminto, não do alimento, mas do gesto. Enquanto comia, ela retornava sua surda tarefa, pois para além das dez era preciso vinte, trinta, quarenta, cinquenta, depois mais cinquenta batidas do outro lado da massa.

À noite nos reuníamos em torno da mesa para rezar, atividade um tanto eterna na percepção de um menino. A cozinha preservava os tremores ritualísticos das tarefas do dia, concentradas na voz e no ritmo religiosos. A mãe me lembrava a avó e as tias, que eu vira rezando da mesma forma. A cada dezena de ave-marias eu erguia os olhos para suas mãos que desfiavam o terço, acompanhando as contas, contando quantas faltavam para o fim, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, depois mais tantas dezenas. Acompanhavam a contagem palavras que me assustavam, embora desconhecesse o significado, “a vós bradamos, os degredados filhos de Eva”. Se meus olhos encontravam os dela, sei que percebia minha ansiedade pelo fim graças à severidade com que os baixava para mim, ainda que com as mãos me mostrasse quantas contas faltavam.

Hoje aqueles sons retornam rumores. Escutam-se outros ruídos que os transpassam, mais audíveis, obscenos. As batidas

da massa foram substituídas por um cilindro elétrico que as mãos envelhecidas da mãe aprenderam a manusear. Não rezo mais com ela, mas da parede que separa os quartos ainda ouço sua voz cantando as orações. Agora sei o que significa a palavra “degredado”, embora não a ouça mais, a voz da mãe, um murmúrio baixo desfiando o terço. E da fresta da janela da casa ao lado, espiei uma máquina derrubar a nossa antiga casa, imprimindo estrondos insuportáveis nas madeiras. Se a rua não brada por uma mãe de misericórdia em claras palavras, todavia permanecem sinais a serem desvendados neste desterro.

Um dia desses a mãe fazia pão, passando a massa pelo cilindro. Seus lábios abriam e fechavam levemente. Talvez contasse até dez.







1780

A chuva mansa
 abre um vórtice
 à chuva mansa
 que menina contemplei

Eis-me debruçada à janela
 sem sequer ver as altas acácias.
 O imenso canteiro de margaridas traz
 a vida
 do antigo gabinete de costura.

Nem preciso me virar
 Lá permanecem:
 a escrivaninha de fórmica
 e a estante de livros, seleções, enciclopédias
 o baú com a roupa de cama
 o cimento queimado vermelho
 a cozinha nova, com ladrilhos portugueses
 o armarinho verde
 e tudo a que os imóveis remetem -
 vozes, amores, dores,
 risadas, sonhos -
 pulsa
 em mim.



Faltam somente três meses e farei trinta anos

No meu país dizem que eu entro nos “enta”, ou seja, uma nova época do nosso ser. Não tenho mais vinte e poucos anos, sono maggiorenne e vaccinata. Chegar nessa idade me faz refletir sobre o que fiz até agora e como, muitas vezes, considero minha vida no meu país de origem, seja algo tão longe; às vezes a comparo ao vidro embaçado de uma janela do carro quando tem condensação, onde você escreve com o dedo uma palavra, ou desenha um pequeno rosto sorridente. Me lembro que fazia muito isso quando era criança e ia para as montanhas: ficava sentada e chateada porque devia ficar com o cinto de segurança apertado e meu único elemento de lazer era aquela janela borrada que deixava o mundo mais distante. Mas sabia muito bem que atrás dela tinham aquelas montanhas altas, e sempre esquecia o nome delas quando pequena: “Sono le Dolomiti.” Dizia Papà. E le Dolomiti me lembram quando dei aula hoje para um meu aluno, mostrei para ele um vídeo feito pelo drone (abençoada tecnologia) e que mostrava os picos delle Dolomiti. Ver o vídeo me deixou sem fôlego, como sempre acontecia quando descia dalla Hyundai toda dolorida pela longa viagem e levantava o rosto para olhar le gigantesse. Não sei porquê, mas

sempre achava que as montanhas eram mulheres gigantes que dormiam; claro, isso depois que descobri que as montanhas não eram feitas de chocolates e que a neve não era chantilly.

O vídeo passa e a música de fundo é vibrante, as notas de uma melodia clássica me lembram mia nonna que cantarolava sentada na cadeira à direita da sua mesa de jantar grande e de madeira de ciliegio. Os livros ficavam na mesa toda e seu bastão apoiado à sua esquerda, às vezes tinha apoiada, também, a sua prótese da perna esquerda com o sapato com salto. Aquele objeto que levou ela a fazer a única coisa que a permitia fugir de um mundo que não era nada inclusivo: o estudo. Mia nonna era uma mulher muito forte e muito instruída: sabia de tudo! Ela pintava quadros, escrevia poemas e me levava aos museus, mas, na realidade, tudo com ela parecia museu. Até quando subíamos le scale do condomínio minha avó parava e me mostrava sempre as conchas fossilizadas; isso mesmo: conchas que viveram há milhões de anos e que estavam, como contava mia nonna, nas rochas delle Dolomiti e que depois iam sendo transformadas em prismas retangulares que, juntos, teriam criado le scale. E, assim, conto para o meu aluno, o qual pretende morar na Itália, que se ele for a algum condomínio, pode ter essa chicca e se surpreender como o meu país é tão histórico até nas pequenas coisas.

Meu aluno sorri atrás da webcam e nos cumprimentamos confirmando a presença da próxima aula. A vídeo-chamada termina e fico eu, no silêncio, com il quaderno delle lezioni e lembranças infantis e adolescentes que pulam como se estivesse num tappeto elastico vermelho e azul, no meio

da natureza italiana. Me lembro dos meus quatro anos e de quando pulava, ou pelo menos provavo a saltare, como a mia mamma dizia rindo vendo meus pequenos pulos que eram mais uma tentativa de sair do tappeto em vez de ficar suspensa no meio do ar. Penso na mia mamma e no fato de que agora é a minha vez de ser mamma. Como serei? Levanto da cadeira e me coloco na frente do espelho, levanto a camiseta do meu marido (as minhas já não são mais confortáveis, espero não virar um balão!) que cobre minha barriga: ela é rotunda e se vê muito bem de onde ela começa. Vejo o estômago, uma parte reta e depois uma curva que vai até debaixo do umbigo, como uma daquelas curvas que mia nonna desenhou em alguns quadros do seu período geométrico. Cores vivas, feitas con gli acquerelli, e me lembro bem de onde vinha quegli acquerelli. A caixinha era retangular e tinha 12 colori, todos consumidos no centro, mas eu achava tão charmoso aquele desgaste, que sempre tentava levar comigo escondido para casa, até quando mia nonna, um dia, riu e decidiu me deixar de presente, esperando que eu pintasse também: nunca usei. Para mim era solo per bellezza.

Tiro uma foto da minha barriga espelhada e ela tem o reflexo da minha cachorrinha que me olha com curiosidade pelo espelho, não entendendo ainda que, daqui a pouco, tudo vai mudar. Gostaria que meu filho ou filha tivesse lembranças italianas, mas sei que não é possível, por enquanto, e tento manter vivas todas as lembranças, encadeadas entre elas e que ficam atrás daquele vidro embaçado. Não as vejo de primeira, mas sei que estão lá, paradas como le Dolomiti.



linite

Para misturar o

O desconforto me

Tece a tela de proteção



Quando me tornei negra...

Tenho 38 anos, mas sou negra há apenas cinco. Antes, era morena, morena escura, morena cor de jambo, parda, mulata, juçareira, dentre outras denominações. Não que eu não soubesse que era negra, ou que era alienada em relação ao racismo, não é isso. Eu sabia, sim, porque havia vivido desde criança na pele as marcas do racismo. É que somente há cinco anos entendi como era importante me assumir como negra e positivar esse lugar social e político.

Tudo começou quando passei em um concurso público para o cargo de professora EBTT do Instituto Federal do Maranhão. Já atuava como professora há muitos anos, mas esse cargo iria coroar uma carreira acadêmica como professora, o que era o meu objetivo de vida. Tomei posse e, no primeiro dia de exercício, algo inesperado aconteceu.

Ao adentrar o banheiro feminino das estudantes, pude ver na porta de um dos compartimentos uma série de xingamentos

a uma aluna do campus, chamando ela de macaca, cabelo de Bombрил, e houve uma discussão em torno desses xingamentos racistas, em que ora apareciam argumentos a favor, ora argumentos contra.

Fiquei bastante incomodada com tudo aquilo e comentei com outras professoras que estavam iniciando naquele trabalho, como eu, e ficamos muito chocadas. Estava chocada porque, por ter vindo de escolas públicas municipais e estaduais, em que a maioria dos alunos são negros, não tinha me deparado tão fortemente com uma situação de racismo e porque, inocentemente, achei que por aquela escola ser uma escola de referência, os alunos já estivessem sendo educados para essas questões.

Bem, as aulas ainda não tinham começado, mas quando começaram pudemos constatar o que realmente se tratava e quem tinha sofrido ataque racista. Tratava-se de uma menina linda com os seus 17 anos que tinha passado por um processo de transição capilar. Me identifiquei muito com ela, porque pensei na minha adolescência e em como fora difícil como menina negra lutar contra essa falta de autoestima nessa idade e, também, porque naquele período eu mesma passava por um processo de transição capilar. Até hoje me lembro de como me afetou a semana toda quando aquela menina me disse o que tinha acontecido com ela e como ter uma professora negra era importante para ela. A partir daquele dia, eu não fui mais a mesma, porque entendi o meu papel na sociedade, entendi que, como professora, eu era exemplo para meus alunos, e isso se

tornou, para além da própria docência em si, a base da minha vida.

Dessa situação nasceu um projeto lindíssimo que empodera meninos/as negros/as em nossa comunidade – a campanha de combate ao racismo e valorização da beleza e estética negra –, que já teve quatro edições, virei membro, coordenadora e vice do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). Mas, para além dessa mobilização externa, houve uma mudança interna – uma consciência negra. Uma consciência negra da minha história, das minhas vivências, das minhas lutas, do meu cabelo, das minhas roupas, dos meus objetos de estudo, enfim, quando eu me enegreci, tudo se enegreceu em minha vida. Passei a estudar sobre a EREER e temáticas relacionadas, passei a conhecer Djamilas, Fanons, Kilombas, Munangas, ou seja, intelectuais negros que serviram como espelho para mim e me ajudaram a compreender a minha situação e a situação dos meus, sincrônica e diacronicamente, e um gomo de tangerina estourou em meu cérebro.

Pude entender, por exemplo, porque me sentia tão fora de lugar quando trabalhava no Tribunal de Justiça da minha cidade. Entendi com mais evidência porque eu mudei quatro vezes de setor durante os quatro anos em que passei lá e vejo com mais nitidez todos os assédios que ali sofri, e que não conseguia ver naquele momento, por imaturidade e ignorância mesmo. Reagia quase por instinto, nem tanto com razão. Minhas amigas e chefes sempre muito bem vestidas, cabelos escovados, unhas pintadas, muito maquiadas. E eu, daquele jeito de quem fazia História no CCH da UFMA, não ia combinar mesmo, né?

Certo dia, minha chefe me levou a um salão para “arrumar” meu cabelo e eu aceitei: “Creme, pente, puxa, mais creme, pente, puxa”. Olhos ardendo, lava, seca, estica, puxa, ferro quente, puxa. Saí de cabelo liso. Liso, liso, liso. Já tinha experimentado algumas químicas antes, umas até que não tinham dado muito certo, mas era mais para soltar os cachos, quando molhava saía, mas, a partir daquele dia, não saiu mais, quando molhava ficava mais feio, parecendo uma manga chupada, mas continuava liso, enfim a escova definitiva.

E me achei mais bonita com aquele cabelo, porque as pessoas diziam que eu estava mais bonita. Sempre quis ter um cabelo que balançava, que ficava solto, que podia fazer penteado, enfim, virei refém desse padrão e gastei durante uns dez anos tubos de dinheiro com esse cabelo que não podia molhar e pedia escova e chapinha todo final de semana. Pinteí de loiro, fiz até franjinha, na tentativa de viver meu sonho de paqueta.

Lembro de quando eu era criança. Quando eu brincava, colocava uma toalha na cabeça para imaginar que meu cabelo era comprido e liso. Tinha como referência a Xuxa e queria ser paqueta. Odiava minha cor e me lembro de que quando vi Michael Jackson branco imaginei que aquele tratamento podia ser a “cura” para a “minha doença de ser preta”. Como o racismo pode matar a autoestima de uma criança preta!!! Lembro de uma vez que eu queria sair na dança portuguesa e não pude porque na dança portuguesa não podia sair preto. Isso me marcou tanto. Quando eu era criança, não tive nenhuma boneca preta, talvez por isso eu compre tantas bonecas pretas e toda vez que nasce uma criança preta que eu conheço, a presenteio com

uma boneca preta. Talvez não, é isso! Não quero que nenhuma criança preta cresça mais sem ter uma referência preta. Fico tão feliz em ver hoje a Maju, a Iza, a Taís Araújo, a Beyoncé, a Djamila Ribeiro.

Fui criada por uma família branca, podemos dizer assim, porque apesar de uma parte da família ser negra, eles não se viam dessa maneira devido ao poder aquisitivo alto. Bom, minha mãe era uma menina negra do interior que foi trabalhar em uma casa de família na capital do Maranhão. Antigamente isso era normal, principalmente no Nordeste, mas, hoje, sabemos que é exploração do trabalho infantil. Com os seus 17 anos, engravidou de mim e foi mãe solo na adolescência, porque meu pai só me registrou anos depois, mas nunca me proveu de nada. Ela continuou trabalhando nessa casa de família, mas como era muito nova, não conseguiu (ou não queria) cuidar de mim, e essa família me assumiu.

Enfim, minha mãe foi viver a vida dela e me deixou com essa família, que tinha um pai preto e uma mãe branca. Sobre a questão racial não se falava dentro de casa naquele época.

Quando eu era ‘zuada’ na escola por ser negra, o que aconteceu várias vezes, me encorajavam a dar uma resposta e seguir em frente. Todo mundo era tratado igual. Não sei. Acho que talvez não... porque os netos legítimos estudavam em escola particular e os não legítimos em escola pública, mas sempre achei essa diferença que faziam mais ligada a questão mesmo de que eu não era da família consanguínea do que por eu ser negra. O certo é que não se tinha condição financeira para tudo, mas mesmo em escola pública, meus estudos eram prioridade.

Sempre me diziam que eu podia ser o que eu quisesse, era só estudar para alcançar. E me diziam que eu seria uma doutora (acredito muito nisso kkk).

Mesmo não tendo luxo, vivi uma infância muito feliz. Feliz mesmo, de brincar na rua, de ter muitos amiguinhos. De correr, saltar etc. Os momentos tristes estão ligados a uma opressão que sofria de uma pessoa que sentia muita inveja de mim e devido à morte de uma das minhas mães, uma das mulheres que ajudaram a me criar. Minha adolescência também foi tranquila, a não ser por essa mulher que me perseguia, por eu ser muito tímida e ter uma autoestima muito baixa. Mas muito adolescentes são assim mesmo. É uma fase muito difícil. Acho que essa baixa autoestima e timidez eram compensadas pela inteligência nos estudos. Era sempre boa aluna, por isso não me sentia tão ruim, porque me destacava em alguma coisa.

Por muito tempo, essa diferença que havia dentro da família que me adotou me fazia bastante triste, com uma sensação mesmo de exclusão, de estar fora do meu lugar, e culpava minha mãe por ter me abandonado. Hoje, superei tudo isso porque tenho muito orgulho do que me tornei e porque vou ser a primeira doutora da família (se Deus quiser!). Agradeço imensamente minha mãe (onde quer que ela esteja) por ter feito esse gesto de amor de querer o bem para mim mesmo longe dela, porque tenho certeza de que não teria as mesmas oportunidades se tivesse sido criada por ela. Hoje entendo que criar duas filhas, sendo mulher, negra, pobre, e ainda sozinha, é muito difícil. Hoje entendo todas as estruturas de discriminação e racismo que ela teve que enfrentar ao longo da vida, e deve ser

por isso que Benjamin disse que lembrar o passado trata-se de uma cuidadosa investigação que justifique o esforço da escavação.

Passei por isso quando conheci meu marido. Mesmo ele sendo negro e tendo um pai negro que é descendente de uma família de negros e índios. A mãe dele, que é branca, não queria para ele o casar com uma mulher preta, porque até hoje ela não vê o filho dela como negro.

O racismo tem todos esses meandros no Brasil.

.

O que não nos mata, nos fortalece. Tirando a pandemia de covid-19, agradeço a Deus por todos os momentos bons e ruins por que passei, porque me ajudaram a formar a mulher que eu sou. Dos racismos cotidianos, já sofri todos. Até hoje, quando atendo a porta da minha casa, sempre pedem para falar com a dona da casa. A minha cor para a sociedade brasileira é de empregada doméstica, vulgo escrava. Mas, outro dia, a agente de saúde que foi aplicar uma vacina na minha casa não quis marcar no meu cadastro que eu era negra, minha autodeclaração não valeu de nada, porque ela cismou em dizer que eu era parda, “porque preto mesmo é aquele povo da África”. E olha que ela é negra!!! E ainda tem gente que diz que não existe racismo no Brasil.

Lélia Gonzales disse que ninguém nasce negra, torna-se. Isso é bem evidente na minha trajetória. Negra é uma categoria que investe tanto a diferença quanto a identidade e isso implica

uma atitude política. Para se assumir negro e militar nessa causa, mais do que palavras, é necessário ações de autoconhecimento e conhecimento da trajetória dos negros do mundo.

Então vamos estudar, irmãs. Se Grada Kilomba disse que racismo não é ignorância, no sentido de falta de informação, mas a projeção branca de informações indesejáveis no outro, nós, negros, temos que desconstruir essas projeções de maneira qualificada, não com agressividade, mas com inteligência, projetos, ações, ideias que desconstruam definitivamente as ideias dos racistas, que desmobilizem os seus argumentos mais absurdos, porque quem é racista já mostra que tem um pensamento limitado, ou seja, não sabe nada da história. Não podemos reproduzir a mesma lógica sem-lógica, vamos elevar o nível do debate. Não dá pra ser antirracista de Instagram, é necessário enegrecer o pensamento, pois se “a coisa tá preta, a coisa tá boa”.

Tornar-se preta é urgente, é uma convocação.

A person is lying on their back with their arms raised, viewed from above. The background is a deep blue with numerous white scratches and lines, suggesting a cracked or distressed surface. The person's body is mostly obscured by the shadows and the scratches, but their arms and head are visible.

Fazer emergir uma forma

A fundação vazia, vazada

Segura as folhas pen turadas

Sugar o seco até ficar molhada

Doce solução

Seiva coagulada no corte

Na carta fraturada do tronco

Segura essa margem

Mesmo que vazia



nós três costumávamos pedir a nossa mãe que trouxesse algo na volta

é claro que quase nunca dizíamos o quê. talvez porque não precisávamos de nada. ou o que queríamos era precisamente a surpresa. ou pedíamos coisas apenas como um modo de pedir sua volta. ou sua ida. ou ainda era só o prazer de pedir mesmo, cutucar o mundo e ver o que acontece lá fora. voltávamos à tevê. era depois da escola, o primeiro videogame que tivemos. os jogadores ainda se pareciam muito uns com os outros e dava para fazer uns golaços do meio de campo. os placares, somados, quase sempre chegavam nos dois dígitos. a gente jogava comendo uns folhados congelados que minha mãe assava no forno e tomando um suco de calda concentrada diluído em água, doce que só. pensando bem, talvez não fosse depois da escola. poderia ser fim de semana. não sei bem quando era. foi antes da pressa, isso sim. aquele tempo todo se parece com um longo

domingo, com as bordas escurecidas. depois, a primeira coisa que escutávamos — e que ainda escutam, porque a minha continua saindo e continua voltando também — era o motor do portão eletrônico sendo acionado. não tem som mais sem graça que esse. um zumbido sem abelha. mas a graça das coisas às vezes está só nos seus anúncios. os três viravam um alvoroço. engraçado: as esperas costumavam ser comuns. éramos nós três no cômodo da casa que chamávamos salinha de tevê — e o tempo, um tabuleiro aberto no chão. esse cômodo não existe mais. nem ninguém se reúne em casa para ver tevê. agora temos cada um sua sala, sua tela e sua espera. ninguém se reúne mais para esperar — mesmo quando a espera, essa aqui, a nossa, já dura mais de um ano. o bom daquelas esperas comuns era que acumulavam razões sem dono e, quando terminavam, nos deixavam usando alegrias que nem eram nossas para começo de conversa. o carro de minha mãe entrava, a gente saía correndo para o quintal e o fim da espera estava em tudo aquilo: em nossa mãe, no movimento que tomava a todos pela mão, no que ela trouxe para mim, para meus irmãos e, sobretudo, no que trouxe e não era nem meu nem de ninguém — e nem sabíamos, nem sabemos bem o que era.





Banquinho

Na primeira imagem temos uma bebê sentada em uma cadeirinha, bem ao estilo “sua majestade o bebê”.

A bebê cresceu e, hoje, escreve estas poucas linhas. Já são algumas camadas de tempo e memórias que este corpo que escreve carrega; porém, quero ir mais longe, vamos falar da cadeirinha e suas camadas. Este pequeno móvel vem acompanhando-me há tantos anos e nem percebi. Desde a pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul até a capital, Porto Alegre, e já há alguns anos vive aqui em Florianópolis.

O tempo passou e nós fomos mudando – eu e o pequeno móvel –, camadas foram acrescentadas sobre nós. O móvel era uma cadeirinha da cor laranja (?). O primeiro proprietário dela foi um tio meu (ele também aparece na imagem, não todo). Na foto em preto e branco não se percebe a cor original. Para descobri-la tive de escavar feito um arqueólogo. Como dizia Freud ao comparar o processo psicanalítico à arqueologia: “o psicanalista, como o arqueólogo, deve descobrir uma camada após a outra da mente do paciente, antes de alcançar os tesouros mais profundos e valiosos”.

O tempo passou e camadas de experiências, vivências, memórias foram sobrepondo-se no meu corpo e, incrivelmente, a cadeirinha sobreviveu comigo. Minha mãe providenciou cuidá-la, preservá-la. Claro, já não era mais cadeirinha, pois perdeu o encosto que a caracterizava e ficaram os furos. Assim, passou a ser “banquinho” de madeira. Sua cor laranja recebeu uma camada de tinta azul escuro, depois outra camada cinza e, por último, a cor branca. E o tempo foi passando... o banquinho continuou conosco, seguindo sua função, suportando nosso peso, viajando por lugares diferentes, e, acompanhando as mudanças no país, sobreviveu. Ganhou, também, sapatinhos pretos de borracha.



Nos últimos tempos, percebi que ele mora comigo já há alguns anos. Confesso que não tenho cuidado dele como merece, afinal ele anda meio sujinho, mas olho para ele todos os dias e faço planos (nunca concretizados). Na minha imaginação ele já foi pintado de várias cores, decorado, recauchutado. Ainda bem que não concretizei nenhum desses planos. Por hora, conclui que quero ver suas camadas, cada uma delas de uma época distinta, refletindo memórias e os meus tempos também e as minhas idas e vindas.

Hoje, o banquinho tem furos, as marcas deixadas por já não ser mais cadeirinha. Cheguei a planejar tampar os furos, mas dei-me conta de que não convém. A psicanálise alertou-me a não tapar furos, ao contrário, às vezes, é melhor esburacar. Talvez seja melhor manter suas bordas e contorná-las com alguma cor. O legal é que ele continua comigo, suporta, ainda, meu peso, e eu pretendo preservá-lo, pois ele remete-me às minhas várias camadas, às minhas crenças, às minhas apostas, à minha infância junto à minha avó materna que tantas alegrias me proporcionou.







A busca pelo cheiro que se foi

Uma das minhas lembranças de criança, quando ainda morava na ampla casa dos meus avós - todo o clã, meus pais, eu e meu irmão, minhas duas tias e namorados - refere-se a um cheiro particular. A rua em que morava era bastante peculiar: rua curta, perpendicular à Antônio Edu Vieira, num morro onde as casas do lado direito eram todas dos filhos e filhas dos pais de minha avó paterna. Morávamos na casa que faz esquina com a principal do Pantanal - hoje um restaurante chinês. Nasci lá, por assim dizer, e me mudei com sete ou oito anos. Naquele tempo, ia de vez em quando numa casa mais em cima, de uma tia-avó. Em verdade, fugia pra lá, como diziam, apesar de que sabiam que, se eu não estava em casa, certamente estava lá. Essa casa não existe mais, nem minha tia-avó, de quem pouco me lembro - morreu ainda antes de eu me mudar.

Mesmo que as memórias desse tempo sejam nebulosas, lembro-me, como num flash, de uma tarde. Eu estava na casa dessa tia-avó, junto com um filho dela, pouco mais velho que eu (era pra brincar com ele que ia pra lá). Lembro-me de uma parede de madeira com um pôster de alguma banda de heavy metal dos anos 90, que um dos filhos mais velhos dela, suponho, tinha pendurado lá. Mais nítido que isso na minha memória é, contudo, o cheiro do café da tarde. Um cheiro de café passado e com muito açúcar, misturado ao cheiro de pão de trigo.

Acho que tinha também um cheiro de quando se abre um armário de madeira compensada. Esse, no entanto, não é nítido na minha memória. Ele vem mais de um raciocínio em cima daquele cheiro, que eu nunca mais senti. Sempre que ouço falar da madeleine de Proust lembro-me desse momento, e talvez seja por nunca ter sentido aquele cheiro de novo que tento entendê-lo racionalmente. O cheiro de armário é então mais racional do que verdadeiro, já que a casa, por algum motivo, tem para mim um caráter de armário de madeira compensada.

Um cheiro de café com açúcar demais e pão de trigo não é um cheiro incomum, ou ao menos não é um cheiro que eu não tivesse ocasião de sentir de novo em pouco mais de duas décadas desde aquele tempo. Talvez a conjunção desses cheiros com o de madeira compensada seja de ocasião mais rara, mas ainda assim plausível. Nunca tentei reproduzi-los; mas parece-me também que a busca por esses cheiros está sempre ali, à espreita. Estou à procura do meu momento madeleine de Proust. E percebo que talvez seja esse o problema: essa procura,

se não se dá conscientemente, ao menos a tenho diversas vezes no fundo da mente.

Lembro da história da omelete de amoras narrada por Benjamin, em que um rei pede ao seu cozinheiro a reprodução de uma omelete de amoras que comeu numa situação memorável da infância. O cozinheiro se nega, porque mesmo reproduzindo a omelete com perfeição, a situação toda não se daria, e o rei não ficaria satisfeito.

Talvez essa minha procura funcione de modo parecido. O que é necessário é uma atitude mais dionisíaca que apolínea, um momento de insight, uma memória involuntária, um flamar da memória olfativa. Posso conseguir mobilizar esses conceitos, mas não consigo até então senti-los na prática.



ÀS TERRAS DISTANTES



Afeita

Desculpa te olhar com tanta atenção; te fitar até cair comida da tua boca, mas carregas duas coisas muito minhas: os batimentos e a despedida. Só me restam poucos minutos de anotações, para preencher o resto dos dias, sendo a enxurrada que carrega os camaradas. Funciona como a imagem das tias velhas com a mangueira na mão, elas fingem estar ocupadas com as calçadas, mas, de fato, choram os contratos não rompidos e se veem secar, igual ao cimento que lavam. Os peitos aumentam, biologicamente, questão de manutenção; vivem emprenhados, como as barrigas proliferadas em família. Vivemos no país da criação. Assim como elas, te transformei em atos. Não te amo, mas te bebo nos goles dos cafezinhos de plástico, como nos alimentos e te tenho nas dobraduras dos lençóis. Estás materializado no cotidiano, e nada é mais eterno do que isso.

Zugeneigt

Tradução Vanessa Rabel e Melanie Strasser

Entschuldige, dass ich dich so aufmerksam betrachte; dich ansehe, bis dir das Essen aus dem Mund fällt, aber du trägst zwei meiner innersten Dinge: die Herzschläge und den Abschied. Mir bleiben nur wenige Minuten für Notizen übrig, damit ich den Rest der Tage füllen kann, als Flut, die die Kameraden wegträgt. Es funktioniert wie die Szene der alten Frauen mit dem Gartenschlauch in der Hand, sie tun so, als ob sie beschäftigt wären mit den Gehwegen, eigentlich weinen sie aber, um die Verträge, die nicht gebrochen wurden, und schauen wie sie selbst vetrocknen, gleich dem Zement, den sie abwaschen. Ihre Brüste nehmen zu, biologischerweise, stets schwanger, aus den Bäuchen gedeihen Familien. Wir leben im Land der Erschaffung. Wie sie, habe ich dich in Taten umgewandelt. Ich liebe dich nicht, aber ich trinke dich mit kleinen Schlucken von dem Kaffee aus dem Plastikbecher, esse im Essen und habe dich in den Falten der Laken. Du bist im Alltag materialisiert und nichts ist unendlicher als dies.





Aula de desenho

Estou lá onde me invento e me faço:
De giz é meu traço. De aço, o papel.
Esboço uma face a régua e compasso:
É falsa. Desfaço o que fiz.
Retraço o retrato. Evoco o abstrato
Faço da sombra minha raiz.
Farta de mim, afasto-me
e constato: na arte ou na vida,
em carne, osso, lápis ou giz
onde estou não é sempre
e o que sou é por um triz.

Zeichenunterricht

Tradução de Cándice Guzmán e David Lanker

Ich bin da, wo ich mich neu erfinde und erschaffe:
Aus Kreide ist mein Strich. Aus Stahl das Papier.
Ich entwerfe ein Gesicht mit Lineal und Zirkel:
Falsch. Ich verwerfe, was ich entworfen habe.
Ich zeichne die Zeichnung neu. Ich verlege mich aufs
Abstrakte.
Ich mache aus dem Schatten meine Wurzel.
Müde von mir, ziehe ich mich zurück
und stelle fest: in Kunst oder Leben,
in Fleisch, Knochen, Bleistift oder Kreide
wo ich bin, ist es nicht immer
und was ich bin, ist es um ein Haar.





gostava quando ficava escuro e podia dormir
dormir era enfim estar comigo
o amor é uma coisa que dá sono

como uma tristezinha bonita
pra não enfadar a felicidade
ah, a felicidade!
ir se
assentando sobre os pratos
os lençóis suados da cama
o junco dos nossos rostos
dias assim de entremeios
de inventar jeitos de brincar
de alegrias findas as vindouras
um livro na cabeceira que teimava
não ser escrito ser incêndio a bordo
quando vieres ver um bando cor de fogo
m. diz que chorar dá sono
o amor é uma coisa que dá sono

eu tenho muito sono de gozo de morte
de fome e puro sono rastejo até a cama
como pudesse fugir os olhos pequenos
o sono
gosto mesmo de nessa hora sono
brincar as alegrias ah! a felicidade

esse ser menino índio a se bolar
no mar o amor sim o amor existe
o amor é uma felicidade
uma poema anterior ao rastro da poema

es gefiel, wenn es dunkler wurde und schlaf möglich
war
schlafen war, endlich bei mir zu sein
die liebe ist ein etwas, das schlaf gibt
wie ein schönes traurigkeitchen
um nicht zu ermüden die fröhlichkeit
o, die fröhlichkeit!
weitergehen
auf die teller legend
die verschwitzten bettlaken
die binse unserer gesichter
tage voll von zwischenräumen
vom erfinden von spielereien
von freuden, die scheiden wie bleiben
ein buch auf dem nachttisch, das trotzig blieb
nicht geschrieben zu werdender brand an bord
wenn du kommst, um eine feuer-farbige banzo¹ zu
sehen

1 Banzo ist ein afrikanisches Wort, das "Dorf" aus dem Quimbundo-Sprache heißt, und bedeutet eine Art von Heimweh und Melancholie wegen

m. sagt, das weinen gibt schlaf
die liebe ist ein etwas, das gibt schlaf
ich bin sehr schläfrig vom genuss des todes
vom hunger und reinem schlaf krieche ich zu bett
als ob es ein entfliehen gäbe die kleinen augen
der schlaf
genussgleich diese schlafstunde
spielenden frohsinns o! die fröhlichkeit

ist ein indianerjunge beim schaukeln
im meer die liebe ja die liebe ist da
die liebe ist eine fröhlichkeit
eine vorherige gedichtung in der spur der gedichtung

des Heimatverlustes. Es wurde von Personen aus Afrika verwendet, die als Sklaven mit Gewalt von Europäern nach der brasilianischen Kolonie genommen wurden. Laut Nina Rizzi bedeutet Banzo in ihrer poetischen Sprache und Anschauung auch eine Sehnsucht nach einer Zukunft von Versöhnung.

A large, abstract teal shape with irregular, wavy edges occupies the right side of the page. It has a solid teal color and serves as a background for the title text.

NOTAS BIOGRÁFICAS DAS AUTORAS E AUTORES

BRUNA LUISA MACELAI, natural de Rio do Sul (SC), reside em Florianópolis. Formada em Direito, tem a graduação em Letras - Português e o mestrado em Literatura em andamento na Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisa o erotismo batailliano na obra *Obscena Senhora D* de Hilda Hilst.

CÂNDICE GUZMÁN nasceu em Porto Velho (RO) e reside em Florianópolis. Graduada em Letras Alemão pela Universidade Federal de Santa Catarina, com pesquisa sobre a poesia de Joachim Ringelnatz. Atua como professora e tradutora e escreve poesia.

CAROLINA DA NOVA CRUZ nasceu em Itajaí (SC) e mora em Florianópolis desde 2015. É graduada em Letras e mestranda em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina, na linha da pesquisa Teoria da Modernidade.

CLAUDEMIR PEDROSO FLÔRES nasceu em Uruguaiana (RS) e reside em Florianópolis. Mestre em literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, é professor de psicanálise na Maiêutica Florianópolis e pesquisador do NEBEN/UFSC.

DAVID LANKER nasceu em Münster (Alemanha), onde estudou Filologia Românica e História na WWU Münster. Atualmente estuda Poética Cultural da Literatura e da Mídia. Tem interesse em especial por música e literatura. Em 2017 publicou seu primeiro livro de poemas, *Pensamentos da Sala Vermelha*.

DENNIS RADÜNZ nasceu em Blumenau (SC) e vive na Ilha de Santa Catarina. Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, publicou os livros de poemas *Exeus* (1996 – 2ª. ed., 1998), *Livro de Mercúrio* (2001), *Extraviário* (2006) e *Ossama: último livro* (2016 – 2ª. ed., 2018), a antologia das crônicas publicadas no jornal Diário Catarinense, *Cidades marinhas: solidões moradas* (2009), e o ensaio *Roça barroca: mundos torrentes* (2021), sobre a poética de Josely Vianna Baptista.

ELISA SILVA RAMOS nasceu em Florianópolis, onde reside. Graduada em Inglês e doutoranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina, atualmente pesquisa sobre o conceito de imersão em videogames metaficcional independentes (indies).

FLÁVIA GENOVEZ SCOZ é artista visual, pesquisadora e mãe. Investiga as coisas que caem, os corpos que se levantam, as bordas, os abismos, os buracos, as escavações, o voo, o peso, a leveza e a gravidade. Atualmente desenvolve pesquisa de doutorado com o tema “Política da queda e do levante nas artes visuais e na literatura” vinculada ao programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC .

GABRIELA SOBRAL nasceu em Belém (PA), é escritora, jornalista e mestra em Preservação do Patrimônio Cultural pelo IPHAN. Desenvolve projetos de difusão literária. Publicou

o livro *Caranguejo* (Editora Patuá, 2017). Trabalha voltada à territorialidade da Amazônia como insumo de criação poética.

IGOR MOLINA CARVALHO nasceu em Bom Jardim (RJ) e reside em Blumenau (SC). Psicólogo de formação, atua com psicologia clínica na área da saúde pública.

JOÃO MARCOS DA SILVA nasceu em Joinville (SC), onde reside, e tem vínculos acadêmicos e afetivos com Florianópolis. Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, é pesquisador e revisor textual.

JULIA PANADÉS desenha, escreve e costura. Publica sua produção artística de modo independente, estabelecendo parcerias curatoriais, educacionais e editoriais. Em 2019 publicou *Imagino Veneza*, pela Modular Edições. Suas últimas exposições foram *Corpo em obra*, no Centro Cultural São Paulo e *Híbrida*, no Palácio das Artes, FCS. É bacharel em Artes Plásticas, mestra em Artes Visuais, e doutora em Estudos Literários. A experiência da criação vem se tornando o seu tema de vida.

MARIA APARECIDA BARBOSA é professora de Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina, coordena o núcleo Literatura em Língua Alemã LiLiA. Pesquisa os estudos literários de Walter Benjamin e a poesia de Ivan Goll. Organizou e traduziu obras do romantismo, E. T. A. Hoffmann, L. Tieck e Novalis, e de autores modernistas: *contos Mércio* de Kurt Schwitters, *A arte do século 20* de Carl Einstein.

MARIA ESTHER MACIEL é escritora, crítica literária e professora. Alguns de seus livros são *Literatura e animalidade*, *A vida ao redor*, *O livro dos nomes*, *A memória das coisas*, *O Livro de Zenóbia*, *Longe aqui: Poesia incompleta 1998-2019* e *pequena enciclopédia de seres comuns*.

MARIANA HOLMS mestra e doutoranda em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo, desenvolve parte da pesquisa atual sobre a poeta Paula Ludwig em Viena, com bolsa do OeAD. Integra o RELLIBRA e o grupo de estudos da Casa Stefan Zweig.

MELANIE P. STRASSER estudou Filosofia na Universität Wien e na Universidade do Porto, Portugal. Tradutora, cursou mestrado em Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina.

MICHAEL BOCH cursa mestrado em Filosofia e, também, o Master Kulturpoetik der Literatur und Medien na WWU-Münster. Seu campo de interesses inclui Deutschrap, Kafka, Rilke, Heidegger, Transzendente Logik e Ästhetische Theorie.

NINA RIZZI vive em Fortaleza (CE), onde faz laboratórios de escrita criativa com mulheres e integra as coletivas Pretarau - Sarau das Pretas e Sarau da B1. A poeta desenvolveu diversas pesquisas junto ao MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – nas áreas de História, Cultura e Educação.

PATRÍCIA RAQUEL LOBATO DURANS CARDOSO nasceu em São Luís (MA), onde vive. Doutoranda em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina, é professora no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Maranhão e membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFMA Santa Inês.

PEDRO CUNHA nasceu em São Paulo e vive em Florianópolis, estuda literatura no programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

VANESSA RABEL, natural da Alemanha, cresceu no Brasil e reside em Maricá (RJ). Formada em filosofia pela Universidade Federal Fluminense, trabalha como tradutora.

VIVIANE DA ROSA é natural de Tapera (RS) e reside em Florianópolis. Doutoranda em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina, é psicanalista e socióloga.

WILLIAM WEBER WANDERLINDE cursou Letras - Inglês, fez o mestrado, desenvolve atualmente o doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina. Sua pesquisa concentra-se no escritor inglês William Blake (1757-1827), com foco na história editorial de seus textos e o impacto das decisões editoriais na construção da imagem do autor.

Copyright @ 2022, dos autores

Torsos

Edição e revisão: Dennis Radünz

Ilustrações: Flávia Genovez Scoz e Julia Panadés

Design: Flávia Genovez Scoz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Torsos / organização: Flávia Genovez Scoz , Maria Aparecida Barbosa;
ilustração: Flávia Genovez Scoz , Julia Panadés. -- 1. ed. -- Florianópolis,
SC : Editora Nave : LiLia - Núcleo de Estudos em Literatura Alemã, Pós-
Graduação em Estudos da Tradução / UFSC, 2022.

ISBN 978-65-84762-04-6

1. Memórias I. Scoz, Flávia Genovez. II. Barbosa, Maria Aparecida.
III. Scoz, Flávia. IV. Panadés, Julia.

22-128453

CDD-801.95

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise literária 801.95

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apoio:





Fontes: Chaparral Pro/ Proxima Nova

Papel: Book Slim

Este livro foi impresso em outubro de 2022

TORSSOS



ISBN: 978-65-84782-04-6



PGET

Pós-Graduação em
Estudos da Tradução